

ALGUNS SONHOS PARA O FUTURO DAS IES MARISTAS

Irmão Emili Turú, Superior Geral

Apraz-me começar esta reflexão em voz alta, saudando a todas as pessoas participantes deste IV Encontro de reitores e representantes da Rede Marista Internacional de Instituições de Educação Superior. Muitos dos que hoje estão aqui estavam também, seis anos atrás, em Curitiba, participando do primeiro desses encontros, naquele momento com mais perguntas do que respostas. Desde então, creio que se fez muito caminho e caminho positivo, com frutos evidentes. Agora nos conhecemos mais e melhor; começamos a cooperar e a trabalhar juntos; aprofundamos a identidade das IES no seio do Instituto Marista.

Muito obrigado, pois, a todos vós por terdes vindo a este novo encontro e muito obrigado pelo convite que me fizestes para que partilhasse convosco esta reflexão.

O título que assinala esta exposição no programa do encontro, desde o primeiro momento, pareceu-me muito ambicioso, porquanto se me pedia falar sobre “o que espera o Instituto Marista das suas IES”. Poderia tê-lo mudado para este outro: “o que o Superior Geral do Instituto Marista espera das suas IES”; não quis que as minhas palavras soassem como imperativos, senão como manifestação singela do que me diz a sensibilidade do coração, no concernente à educação superior; alguns sonhos e intuições de um irmão entre irmãos, em sintonia com o documento *Missão Marista na Educação Superior*, que se propõe “suscitar um exercício de interpelação e discernimento”, que “sirva de guia para o caminho e ajude a assinalar claramente a natureza, as funções e a finalidade da educação superior marista”¹.

Não trago, portanto, a palavra do Instituto, nem sequer a do Conselho Geral com o qual trabalho, senão o desejo de compartilhar alguns sonhos que nos conduzam a um discernimento do futuro das nossas IES a serviço do carisma e da missão marista.

“Somos do mesmo material de que se tecem os nossos sonhos”, afirma um dos protagonistas da obra “A tempestade” de Shakespeare. Com efeito, “somos o que sonhamos ser. A pergunta acerca da identidade tem pleno sentido. Pois bem, estou convencido de que a identidade nos vem dada pelo que somos, por certo, mas sobretudo pelo que queremos ser. A nossa identidade define-se mais pelos nossos projetos que pelas nossas realizações, mais pelos nossos sonhos que pela nossa realidade”².

Vou compartilhar convosco, pois, alguns dos meus sonhos para as IES Maristas. Por isso não vou falar do todo, de maneira global, senão apenas sublinhar alguns elementos que me parecem especialmente significativos no momento atual, e convidar ao diálogo e à partilha.

¹ *Missão Marista na Educação Superior, introdução.*

² ROMERO RODRÍGUEZ SJ, José J. (2007), “Misión de una Universidad jesuita: retos y líneas de futuro”, en Revista de Fomento Social nº 247 (julio-septiembre 2007), p. 393-418

A) PONTO PRÉVIO: RAZÃO DE SER DAS IES MARISTAS.

Antes de desenvolver cinco pontos de futuro, em que vou deter-me mais adiante, prefiro dizer que assumo o seguinte: todas as IES Maristas se esforçam para serem coerentes com o seu ideário, com aquilo que asseveram sobre si mesmas nos seus documentos. Em outras palavras, trabalham para ser o que dizem ser.

Estamos presentes na educação superior católica e marista. Nos últimos decênios, nota-se um movimento significativo do Instituto Marista para assumir frentes diferenciadas de trabalho apostólico dentro da educação superior, pela convicção da importância da nossa presença nesse campo.

Ainda assim, temos a obrigação de nos fazermos presentes com estilo próprio, encarnando o carisma que nos identifica. Fazer o mesmo que fazem todos não vale a pena. Se aportamos algo, é porque há um fato diferenciador, vale dizer, a presença marista comparece com algo que as outras instituições privadas ou públicas não oferecem. Que é que distingue as IES?

Embora o nosso recente documento *Missão marista na educação superior* constitua ponto de referência para responder a esta pergunta, não resisto a oferecer-vos um par de reflexões.

Em primeiro lugar, um fato diferenciador nos é dado, porque nos situamos na tradição intelectual católica. Monika Helwig³ oferece uma série de características próprias dessa tradição, que estimo muito sugestivas.

- a) **A conexão entre fé e razão.** Há necessidade de pensar na coerência entre a fé e os desafios que se nos apresentam através dos eventos seculares e dos novos saberes de hoje. Esta prática filosófica não se opõe à fé, nem a nega, senão que a robustece.
- b) **O aspecto acumulativo da sabedoria.** Não nos limitamos à Sagrada Escritura ou ao legado antecristiano. Toda a época da história teve homens e mulheres que responderam à sua fé e que souberam compreendê-la nas novas culturas.
- c) **Preferimos enfoque antielitista.** Requer-se grande humildade para aceitar que não apenas os intelectuais católicos buscam a verdade. O não ao elitismo significa responsabilidade perante toda a comunidade, quando escolhemos temas de investigação, escritores e recursos. O não ao elitismo significa abertura aos não especialistas, aos menos dotados. O não ao elitismo significa que tornamos a Universidade acessível a pessoas de menos meios econômicos e aos não privilegiados; significa, em suma, respeitar todas as culturas.
- d) **Somos comunidade.** Isto significa que todos os grupos de afinidade e os grupos institucionais se abrem à missão geral, crescendo para ser uma comunidade que investiga e

³ Cfr. AA. VV.: “Examining the Catholic Intellectual Tradition”, Sacred Heart University Press, 2000. O aporte de Monika K. Hellwig se intitula: “The Catholic Intellectual Tradition in the Catholic University”. Pode encontrar-se em http://www.sacredheart.edu/pages/2525_cit_in_the_catholic_university.cfm

que ensina aquilo que descobriu. Significa que todas as disciplinas desenvolvem os seus estudos com impacto social e que aquilo que aprendemos aplicamos para o bem comum da sociedade. Significa que nos preparamos para um serviço efetivo nas comunidades em que viveremos no futuro.

- e) **Estes conhecimentos e a sabedoria são para serem vividos.** O desenvolvimento humano e o desenvolvimento profissional caminham parelhos com o desenvolvimento espiritual. Todos esses saberes integrados não devem conduzir-nos a uma vida madura de autossuficiência e de retorno sobre nós mesmos, mas levar-nos a uma vida orientada para o serviço dos demais, a partir de uma filosofia de vida coerente, que cria um sistema com as suas prioridades, hierarquia de valores e atitude de humildade.
- f) **O princípio sacramental** constitui uma olhada na história e em toda a criação, como signo que aponta outra realidade. Pela memória recordamos e pela imaginação dispomos daquilo que recordamos, para dar-lhe nova significação. A criação e a história estão repletas de milhares de signos. Pela memória e na esperança, a comunidade reconhece-os, celebra-os em relatos, na arte, na música, na arquitetura e na liturgia, levando-nos à contemplação.

Parece-me que temos aí algumas referências que podem acompanhar o nosso discernimento institucional, como Instituições Católicas. Contudo temos também, em segundo lugar, as características próprias como Instituições Maristas. A obra *Missão Marista na Educação Superior* recolhe-as muito bem, pelo que não vou repeti-las aqui.

Presumo que tudo isso comporta forte apelo de coerência, vale dizer, cumpre fomentar a criatividade para incorporar os nossos valores diferenciais no nosso currículo e aplicá-los às metodologias, bem como à nossa maneira de operar e de organizar.

Irrompe aqui a pergunta que poderíamos assim formular: “Por quais características queremos ser distinguidos”? Nem falta esta outra pergunta paralela: “Por quais características nos distinguimos hoje”? A resposta destas duas perguntas nos vai dar o nosso nível de coerência no concernente àquilo que afirmamos querer ser.

Algumas semanas atrás, coloquei no Google esta expressão: “Aprender servindo”. O primeiro de 768.000 resultados correspondeu à Universidade Marista de Mérida. Segui o *link* proposto, e aí pude ler que esse programa é “ pilar do nosso Modelo Educativo e parte do marco curricular de cada carreira ou Programa Acadêmico”. Não sei como anda hoje a aplicação desse programa; mas, faz anos, quando tive a ocasião de estar em Mérida, impressionou-me, porquanto me pareceu um esforço extraordinário para aplicar as nossas características diferenciadoras a toda a Universidade. Por outra parte, não vos parece Maravilhoso que uma Universidade Marista se destaque dentro do mundo da internet porque quer *ensinar por mediação do serviço*?

“A atitude de Maria de pôr-se a caminho para a casa de Isabel para servi-la é convite às instituições maristas de educação superior para sair de si mesmas e ir ao encontro dos que mais necessitam. Este é o sentido da *extensão universitária* e dos *programas de ação comunitária*, que assumem também significado cristão. Ao ultrapassar os seus muros, a instituição de educação superior marista põe-se a caminho para os que são excluídos e marginalizados pela sociedade. O exemplo de

Maria nos interroga sobre se estamos contribuindo na construção unicamente da *cidade dos homens*, ou se também construímos a *cidade de Deus*".⁴

Não é esse o tipo de excelência pelo qual as nossas IES deveriam lutar? Faz alguns anos, Michel Freyssenet, diretor de investigação do CNR francês, dizia em um artigo que a ideia de considerar a universidade como polo de excelência é ridícula, escandalosa e excludente. Ele afirmava: "Não se necessita de polos de excelência, senão de polos de questionamento, capazes de pôr em marcha a inteligência, a imaginação e o trabalho dos investigadores".⁵

Alberto Hurtado, jesuíta chileno, não andou longe de similar apreciação: "A primeira missão da Universidade é inquietar o mundo; a primeira missão do universitário é sentir essa inquietude e esse inconformismo em face do mundo prisioneiro, com o seu desejo sincero de participar da grande luta humana: pôr a nossa vida inteira a serviço da justiça e da liberdade. Lutemos para que no mundo a força sirva à justiça, a fim de que na terra vivam sempre a justiça e liberdade".⁶

Iniciei a exposição dizendo que dava como pressuposto que as IES maristas se esforcem em ser coerentes com o seu ideário; creio que assim é, ainda que este seja um aspecto que corre o perigo de ficar em segundo plano. Com frequência, o urgente acaba por passar por cima do verdadeiramente importante.

As IES maristas poderiam estabelecer algum tipo de mecanismo de "controle de qualidade" no que tange ao propósito dos princípios definidores da sua identidade e dar continuidade a que se apliquem concretamente, sobretudo quando tais princípios são contraculturais?

B) CINCO SONHOS PARA O FUTURO DAS IES MARISTAS

Como já disse no começo, vou deter-me em cinco aspectos que me parecem importantes atualmente para o futuro das IES maristas, à luz dos apelos do último Capítulo Geral e do meu conhecimento do Instituto Marista. Não pretendo ser exaustivo, limito-me a alguns questionamentos.

1. Em referência a temas educativos e maristas

Há pouco, publicou-se a classificação acadêmica de universidades do mundo. Trata-se da ARWU, Academic Ranking of World Universities, conhecida como classificação de Shanghai, que leva em conta seis variáveis: alunos e pessoal com prêmios Nobel ou outras medalhas acadêmicas; pesquisadores altamente citados em 21 campos do saber; artigos em *Nature & Science*; artigos indexados em *Science Citation Index*; desempenho acadêmico *per capita* de cada instituição.⁷

⁴ *Missão Marista na Educação Superior*, p. 32.

⁵ « La recherche, sport collectif : conditionner la recherche au résultat, c'est malmener le processus de la découverte ». *Libération*, Rubrique Rebonds, 20.10.2004

⁶ Citado em AA. VV. "Crônicas de una Iglesia liberadora", LOM Ediciones, Santiago de Chile, 2000, p. 204.

⁷ <http://www.arwu.org/>

A “classificação” das universidades leva a comparar, prestar contas e avaliar as políticas universitárias e competir. Alguns veem esses resultados como operação de marketing, outros valorizam o seu papel de internacionalização da universidade, ou porque torna públicos os resultados e fomenta ganhos em excelência. As classificações externas são incentivos bem-vindos, mas não medem a qualidade da docência universitária ou a sua contribuição para o desenvolvimento econômico do país. Além disso, muitas classificações medem apenas um tipo de ciência e, em vez disso, uma universidade pode ser muito forte em outros setores.

No nosso caso, como maristas, não deveria ser privilegiado tudo o que se relaciona com o campo educativo, como algo que nos é próprio? Não deveríamos sobressair na classificação das Ciências da Educação?

Dizia-me alguém comprometido em uma das nossas obras educativas: “Em várias oportunidades, manifestei a minha estranheza de que a nossa instituição não seja uma referência em temas de infância, juventude e família, dado que trabalhamos com elas e para elas. Muitas vezes, não conhecemos os destinatários, desconhecemos as circunstâncias da sua existência e, portanto, a nossa oferta educativa pode ser irrelevante e pouco pertinente para eles”.

Creio que o Instituto Marista agradecerá que as suas IES tivessem lugar destacado na produção do conhecimento, docência, investigação e extensão nos temas da infância, adolescência e família.

Creio, igualmente, que a Congregação ficaria grata com o fato de que as IES fomentam a pesquisa e a difusão das instituições pedagógicas de Champagnat e dos seus Irmãos, para fundamentar a formação inicial e continuada de docentes nos princípios e valores maristas, em comunhão com os apelos do Espírito ao Instituto nesses últimos anos. “As instituições maristas de educação superior cumprem papel fundamental na formação de professores na *pedagogia marista* específica. Tais professores exercerão na própria instituição ou em outras escolas do Instituto ou do sistema educativo dos países que contam com a presença marista”.⁸

Com efeito, o Capítulo Geral dezenove nos fez apelo a que nos empenhemos na revitalização do carisma marista. O Capítulo vinte comprovou que “muitos leigos se sentem atraídos pelo carisma e pelo projeto de Marcelino”.⁹ O Capítulo vinte e um convoca a suscitar o “nascimento de nova época para o carisma marista”; eis por que “sentimos a necessidade de desenvolver processos que permitam que todos os maristas sejam corresponsáveis da vida, da espiritualidade e da missão”.¹⁰

Cabe assinalar aqui que as palavras do Irmão Seán Sammon, recordando-nos que o carisma de Marcelino Champagnat representa “muito mais que mera atribuição de tarefas concretas que respondam ao seu sonho original. O carisma do nosso Instituto não é nada menos que a presença viva do Espírito Santo. Deixar que o Espírito atue dentro dos nós e, pela nossa intermediação, pode dar lugar a resultados surpreendentes”.¹¹

Chegamos a ser referência em temas educativos e maristas, eis o meu primeiro sonho.

⁸ *Missão Marista na educação Superior*, p. 25

⁹ *Optamos pela vida*, 10.

¹⁰ INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Com Maria saí depressa para uma nova terra*. Doc. do Capítulo Geral 21, p.21

¹¹ SAMMON, Seán. *Dar a conhecer Jesus Cristo e fazê-lo amar. A vida apostólica marista hoje*, p.29

Seria muito ambicioso? Ainda que a classificação ARWU, com a qual comecei esta parte da exposição, fique assaz distante das nossas realidades, há um ensino que podemos aprender da sua experiência. Segundo esses classificadores, as universidades que chegam mais alto são aquelas que se unem para trabalhar com outras, como é o caso da Universidade de Manchester.¹² Cumpre que extraiamos as pertinentes conclusões.

2. Peritos em evangelização das crianças e jovens e na educação solidária

O Irmão Seán Sammon, na sua Circular de convocação do Capítulo Geral vinte e um, propôs aos maristas um desafio interessante: “Lograr converter-nos em peritos da Igreja no concernente à evangelização de crianças e jovens pobres, onde quer que se encontrem”.¹³

Como Instituto, em que ponto estamos quanto a esse repto?

No informe do Irmão Superior Geral e do seu Conselho ao Capítulo Geral vinte e um, acerca de como se dinamizou e vivenciou no Instituto o apelo do anterior Capítulo sobre a missão e a solidariedade, assevera-se que “o apelo é absolutamente claro no seu objetivo e não deixa muito lugar para as interpretações: Avançar na aproximação das crianças e jovens mais pobres e excluídos”. Não obstante, a percepção recolhida pelos autores do informe é a seguinte: “Entre os Irmãos há profundas diferenças de opinião sobre tal questão”. O apelo pretendia unir e não dividir, “somar forças mais que gastá-las em discussões estéreis; todos são chamados a avançar na aproximação das crianças e jovens mais pobres e excluídos, embora nem todos sejam chamados a fazê-lo da mesma forma”, porquanto “não há somente uma missão, que se manifesta por meio de rostos e formas diferentes”.¹⁴

Os autores do informe reconhecem: “Avanços significativos foram dados no Instituto, em primeiro lugar pela progressiva identificação de Irmãos e leigos em face desse apelo, independentemente do lugar onde desenvolvem a sua missão marista; contudo também houve avanços em virtude da criação de novas presenças a serviço dessas crianças e jovens, bem como pelo trabalho levado a cabo no seio das nossas atuais instituições: educação para a solidariedade, tanto teórica como prática; maior abertura nas admissões aos centros, dando preferência aos mais necessitados; atenção e cuidado dos alunos com necessidades educativas especiais etc.”¹⁵

No mesmo informe se reconhece que “se fizeram esforços notáveis para identificar as nossas obras educativas como centros de evangelização de crianças e jovens: dedicação de pessoas e investimento em nível provincial; estabelecimentos de equipes de pastoral nos centros; criação de material próprio para a formação religiosa, celebrações e retiros; avaliação dos centros segundo critérios de evangelização estabelecidos previamente; promoção da pastoral juvenil etc. Lamentavelmente, ainda existem alguns lugares onde é difícil imaginar que a evangelização constitua a prioridade e o coração das nossas obras educativas”¹⁶.

¹² La Vanguardia de Barcelona, 11 de setembro de 2010.

¹³ SAMMON, Seán. *Convocação ao Capítulo Geral 21 dos Pequenos Irmãos de Maria, fundados por Marcelino Champagnat*, p. 36.

¹⁴ Informe do Irmão Superior Geral e do seu Conselho ao Capítulo Geral 21 (2009). P. 56-59.

¹⁵ Idem, como no anterior.

¹⁶ Informe do Irmão Superior Geral e do seu Conselho ao Capítulo Geral 21(2009) p. 59

Finalmente, na parte conclusiva do informe afirma-se: “No destacar os avanços feitos tanto em favor da evangelização dos jovens como em prol de uma educação solidária, consideramos que ambos os aspectos, tomados como essenciais na nossa missão, constituem desafios permanentes, que deveriam viver-se como prioritários em todas as nossas obras”¹⁷.

Uma das descrições mais completas daquilo que a Igreja entende por evangelização, sem dúvida, é aquela que fez Paulo VI, na sua exortação apostólica, na conclusão do Sínodo dos Bispos sobre a evangelização e que foi recolhida textualmente no documento *Ex Corde Ecclesiae* (Constituição Apostólica do Papa João Paulo II sobre as Universidades Católicas). Eis a descrição: “Para a Igreja não se trata apenas de pregar o Evangelho em zonas geográficas, cada vez mais vastas ou com populações cada vez mais numerosas, mas de *alcançar e transformar*, com a força do Evangelho, os *critérios de juízo, os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida* da humanidade que estão em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio de salvação”¹⁸. A proposta é especialmente significativa para os âmbitos universitários comprometidos com a evangelização.

Por isso “a pastoral na educação superior não é mero serviço de apoio, senão a atividade por meio da qual a instituição declara, de modo explícito, a sua identidade”¹⁹. Em consequência, tem de ocupar lugar destacado no coração das nossas IES, porquanto é a atividade que oferece aos membros da própria comunidade a ocasião de harmonizar as atividades acadêmicas e para-acadêmicas com os princípios religiosos e morais, de modo que integremos vida, cultura e fé.

Como nos recordava a Conferência de Aparecida, “é necessária uma pastoral universitária que acompanhe a vida e o caminhar de todos os membros da comunidade universitária, promovendo um encontro pessoal e comprometido com Jesus Cristo em múltiplas iniciativas solidárias e missionárias”²⁰.

Creio que há um convite muito sério por aprofundar no atinente àquilo que significa evangelizar no contexto universitário; aqui a colaboração recíproca das instituições pode ajudar-nos na obtenção de maior esclarecimento.

Há outro aspecto em que acredito que as IES poderiam ajudar o Instituto marista: trata-se da Pastoral Juvenil Marista, PJM. “Em mais da metade das Unidades Administrativas do Instituto, existe a Pastoral Juvenil Marista, PJM, de maneira organizada e sistemática e, muitas vezes, com larga atuação. A experiência nos diz que a PJM constitui lugar privilegiado para a evangelização dos jovens, dado que ela trata do seu crescimento integral, acompanhando-os no seu caminho para que cheguem a ser discípulos ativos de Jesus”²¹.

Em breve vai ser publicado um documento de referência sobre a PJM. Na sua apresentação, eu mesmo escrevi o seguinte: O Capítulo Geral, há pouco encerrado, recolheu da Assembleia Internacional da Missão Marista (2007) a afirmação de que ‘a evangelização é o centro e a prioridade das nossas ações apostólicas, proclamando Jesus Cristo e a sua mensagem’. Creio

¹⁷ Como no número 16, p. 97.

¹⁸ PAULO VI, Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*., nº 19.

¹⁹ *Missão Marista na Educação Superior*, 21

²⁰ V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E CARIBE, Aparecida, 13-31 de maio de 2007. *Documento Conclusivo*, nº 343.

²¹ Informe do Ir. Superior Geral e do seu Conselho ao Capítulo Geral 21 (2009), p. 59.

firmemente que a PJM é o meio privilegiado para esta evangelização, embora certamente não seja o único. Eis por que desejaria que, no final do nosso mandato, na celebração dos nossos duzentos anos da fundação do Instituto, os Maristas de Champagnat possam ser reconhecidos como peritos em PJM, como afirmei textualmente no fim do Capítulo Geral. Talvez o objetivo possa parecer por demais ambicioso; não o será, se em todas as unidades administrativas houver um esforço, seja para fazer nascer seja para continuar o desenvolvimento da PJM.²²

Poderiam as IES maristas colaborar em tal esforço, ajudando-nos a todos, por exemplo, a compreender melhor o mundo dos jovens; ou a aprofundar as bases e fundamentos da PJM; ou para encontrar as melhores metodologias condizentes com as diferentes realidades?

Quanto ao segundo aspecto dessa evangelização, que poderíamos chamar “educação solidária”, seja-me permitido recordar-vos um texto do Pe. Ignacio Ellacuría, reitor da UCA. Como sabemos, ele confirmou as suas palavras com sangue: “Uma universidade cristã tem de levar em conta a preferência do evangelho pelo pobre. Isto não significa que somente os mais pobres devam cursar os seus estudos na universidade, nem que a universidade deva deixar de cultivar toda aquela excelência acadêmica de que se necessita para resolver os problemas reais que afetam o seu contexto social. Significa que a universidade deve encarnar-se intelectualmente entre os pobres, para ser a ciência dos que não têm voz, como respaldo intelectual daqueles que, na sua própria realidade, têm a verdade e a razão; mas, por vezes, apenas pelo despojamento, porém não contam com as razões acadêmicas que justifiquem e legitimem a sua verdade e a sua razão”²³.

Com semelhante contundência se manifesta o nosso documento *Missão Marista na Educação Superior*: “O sentido marista mais radical da educação superior se reflete na sua capacidade de responder ao desafio de contribuir de maneira decisiva na construção de um mundo mais justo e fraterno, em que se manifestem a compaixão e a misericórdia em favor dos excluídos dos benefícios do desenvolvimento”.²⁴

Eu mesmo, nas palavras do final do Capítulo Geral vinte e um, convidava a todo o Instituto “a fazer o possível para continuar avançando no caminho de colocar o Instituto, prioritária e visivelmente, a serviço das crianças e dos jovens pobres, qualquer que seja o rosto dessa pobreza. Nas nossas obras atuais e em obras novas, importa empenhar todo o possível”²⁵.

Concluindo, podemos falar da opção evangélica pelo pobre como linha transversal das nossas IES, mas também mediante opções concretas que visualizem essa nossa preferência. De certo modo, os dois pontos seguintes vão desenvolver esse tema.

3. Peritos na defesa dos direitos das crianças e dos jovens.

O Irmão Superior Geral e o seu Conselho, no informe de atividades entregue ao Capítulo Geral vinte e um reconhece: “Um dos frutos mais salientes desse tempo de reflexão (elaboração de um Plano Estratégico) foi o compromisso efetivo em favor da defesa dos direitos da criança, em nome do

²² “Evangelizadores entre os jovens”, Documento de referência para o Instituto Marista, 2010.

²³ Ignacio Ellacuría, SJ, “La tarea de una universidad católica,” discurso na Univers. Santa Clara, 12-6-1982.

²⁴ *Missão Marista na Educação Superior*, 27.

²⁵ Ir. Emili Turú, Superior Geral. Palavras no encerramento do Capítulo Geral 21, Roma, 10-10-2009.

Instituto, como tarefa primordial para o BIS, Bureau Internacional de Solidariedade. Com esta finalidade, em 2005 se designou o Ir. César Henríquez como Delegado de promoção e defesa dos direitos da criança perante o organismo correspondente das Nações Unidas, com sede em Genebra; seguíamos uma recomendação do Capítulo Geral vinte, que animava a representação perante organismos internacionais de educação e solidariedade. O novo Delegado passou a residir nessa cidade em setembro de 2006, ligado a uma comunidade da Província de l'Hermitage".²⁶

"Toda a equipe do BIS (Roma e Genebra) trabalhou com empenho e entusiasmo, para que a FMSI pudesse ser criada e reconhecida; atualmente estão apoiando com muita criatividade os primeiros passos dessa nova ONG marista, que representa todo o Instituto"²⁷.

O que começou como decisão do Conselho Geral foi corroborado pelos Irmãos e pelos leigos reunidos em Mendes; eles, no seu documento final, se propõem trabalhar "na defesa e promoção dos direitos das crianças".²⁸

Esta tem sido, de maneira muito clara, uma opção do Capítulo Geral vinte e um: "Sentimo-nos impelidos a atuar com urgência para encontrar estilos novos e criativos de educar, evangelizar, defender os direitos das crianças e jovens pobres, mostrando-nos solidários com eles".²⁹ Esta imagem nos inspira para que nos convertamos em peritos e defensores dos direitos das crianças e dos jovens, de maneira valente e profética, nos foros públicos. Sentimo-nos impelidos a desafiar as políticas sociais, culturais e religiosas que oprimem as crianças e jovens. Agora é o momento em que todos devemos somar esforços da Fundação Marista para a Solidariedade Internacional (FMSI)³⁰. Entre as suas propostas de ação consta a de "promover os direitos das crianças e jovens em todos os âmbitos do nosso Instituto, defendendo estes direitos perante os governos, organizações não governamentais e outras instituições públicas".³¹

Atualmente, como presumo que todos sabem, o nosso novo Delegado em Genebra, há mais de ano, é o Irmão Jim Jolley, da Província de Melbourne. O atual Conselho Geral, na sua vontade de sublinhar o seu compromisso com essa nova expressão da missão do Instituto, nomeou um novo Irmão para esse trabalho, Irmão Vicente Falqueto (Brasil Centro-Norte). Foi solicitado que o Irmão Manel Mendoza (de l'Hermitage), que já estava na comunidade de Genebra, que trabalhe também, em tempo integral, nesse serviço. Temos, pois, em Genebra uma comunidade de quatro Irmãos, com a missão explícita de promover a defesa dos direitos das crianças e jovens; três deles vão trabalhar, em tempo integral, para tanto.

O Irmão Seán Sammon recordava-nos, em uma das suas circulares, que "as nossas instituições têm o potencial de ser meio poderoso de mudança social".³²

Não vos parece que a defesa dos direitos das crianças e jovens constitui um modo concreto de expressar o nosso compromisso alinhado com a opção evangélica pelo pobre | ?

²⁶ Informe do Irmão Superior Geral e do seu Conselho ao Capítulo Geral 21 (2009), p. 60.

²⁷ Como no item 26, p. 61.

²⁸ ASSEMBLEIA INTERNACIONAL DA MISSÃO, Mendes, RJ, Brasil. *Um coração, uma missão*. FMS Mensagem 38, p. 85.

²⁹ INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Com Maria, saí depressa para uma nova terra*. Documento do Capítulo Geral vinte e um, p. 40.

³⁰ Idem, p. 23.

³¹ Idem, p. 41

³² Sammon, Seán. *Dar a conhecer Jesus Cristo e fazê-lo amar. A vida apostólica marista hoje*, p. 60

Creio que aqui se abre um campo de ação muito grande para as nossas IES, com muitas possibilidades. Permiti que vos sugira algumas iniciativas, embora saiba que a vossa criatividade será capaz de ir muito além e com maior profundidade. Listemos as iniciativas.

- Como primeira e mais importante ação, cumpre assegurar que as universidades tenham um “enfoque” baseado nos direitos humanos, tanto na sua filosofia como na sua organização. No que tange às crianças, cumpre nos guiemos por quatro princípios da Convenção dos Direitos das crianças: não discriminação; dedicação ao interesse superior da criança; direito à vida, sobrevivência e desenvolvimento; respeito pelos pontos de vista da criança.
- Oferecer alguma titulação ao tema, como já faz alguma das nossas IES, como no exemplo do “diploma em direitos e necessidades de crianças e adolescentes”.
- Promover campanhas públicas que auxiliem em sensibilizar as pessoas acerca do tema dos direitos humanos, especialmente das crianças.
- Se ainda não se está fazendo, nas Faculdades de Ciências Políticas, Faculdades de Direito (ou outras), oferecer unidades sobre os mecanismos das Nações Unidas, nos tratados dos direitos humanos etc.
- Constituir um grupo de pesquisa dos direitos das crianças nos diferentes países.
- Estabelecer um “observatório dos direitos humanos” por meio da rede de IES, para monitorar o que os governos estão fazendo na área dos direitos humanos, especialmente das crianças.
- Comprometer-se com as ONGs e com os organismos de solidariedade marista para o seguimento da “Revista Periódica Universal” e as revisões dos tratados internacionais, especialmente quanto aos direitos das crianças.
- etc

Como se percebe, as possibilidades são enormes. Em qualquer caso, o importante é que sejamos capazes, dentro da nossa medida, de colaborar para que possamos tornar-nos “peritos na defesa dos direitos das crianças e dos jovens. Oxalá que, dentro de oito anos, quando olhemos para trás, possamos dizer que o Instituto deu passos muito significativos nessa direção”.³³

4. Estabelecer pontes de diálogo e reconciliação na nossa sociedade

³³ Irmão Emili Turú, Superior Geral Palavras no encerramento do Capítulo Geral 21, Roma, 10-10-2010.

Tive em mão, recentemente, alguns álbuns de fotos correspondentes à história dos nossos Capítulos Gerais. Pode-se apreciar com clareza, atendendo apenas à configuração da sala, uma mudança importante entre as dinâmicas dos Capítulos celebrados antes e depois do Concílio Vaticano II. Quem, no futuro, olhar as fotos do último Capítulo Geral, vai falar também de nova época. Mesas redondas, todos no mesmo nível, uso de tecnologia moderna, em suma: diálogo e consenso ou, melhor ainda, diálogo fraterno. “Ao redor de uma mesa redonda, a dinâmica e a pedagogia desse Capítulo nos ajudaram a viver numa escuta evangélica do outro, para que, em diálogo fraterno, as decisões tomadas se levassem à prática”³⁴.

Ao longo deste ano (já faz um ano que terminou o Capítulo Geral), mais de uma vez perguntei-me se essa mudança de metodologia encerrava alguma mensagem para o Instituto, ou se tratava de simples questão técnica. Na medida em que ia visitando o Instituto, confirmava-se em mim a certeza de que esse caminho constitui poderoso convite para que todos entremos na dinâmica de diálogo fraterno com todas as exigências que isto comporta.

A sociedade em que estão insertas as nossas IES, especialmente na América Latina, está muito polarizada; encontramos-nos com grandes distâncias nos estratos sociais. Amiúde digo que um bom indicador das diferenças sociais de um país é a altura dos muros protetores das casas e propriedades. Quanto maior a altura deles, maior é a diferença social. Por certo, também aqui, é óbvio, nos encontramos com grandes muros, não raro eletrificados e com guardas profissionais.

Torna-se evidente a falta de encontro entre as pessoas; há o medo do pobre ou daquele que é diferente, com ausência, pois, de diálogo. Nesse contexto, não nos parece profético o apelo do Capítulo para que nos tornemos pessoas de escuta, de diálogo, de acolhida e respeito?

Ainda assim, a tendência espontânea parece levar-nos a reproduzir, no seio das nossas Províncias e instituições, as divisões dos estratos sociais. Temos gerado separação entre os que se fazem presentes nas classes de maiores posses e aqueles que se fazem presentes entre os mais pobres. Amiúde não temos contribuído a superar essa divisão social; pelo contrário, temo-la reproduzido no nosso ambiente. Ao invés de sermos profetas de unidade e reivindicar tal profetismo, limitamo-nos a reproduzir o esquema social existente.

Dizia o Irmão Seán, na sua Circular sobre a vida apostólica marista: “Como proprietários de entidades educativas, também nos temos convertido, em tantos países, em parte integrante da ordem estabelecida, adquirindo o respeito no nosso entorno, por meio do ensino que oferecemos. Com o respeito vem o privilégio; com o fluir do tempo, a muitos custa desprender-se dele. Conseqüentemente, podemos sucumbir à tentação de preservar as estruturas principais da sociedade em que nos inserimos, até mesmo quando a mudança se apresente mais que necessária”.³⁵ Presumo que isto pode aplicar-se a todas as nossas obras, independentemente do contexto social em que se encontrem.

Podemos mudar essa tendência? Claro que podemos mudá-la, sempre que nos conscientizemos dela e estejamos dispostos a construir pontes de diálogo e de encontro, primeiro entre nós, em seguida em nível social.

³⁴ INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Com Maria, saí depressa para uma nova terra*. Documento do Capítulo Geral 21, p. 14.

³⁵ SAMMON, Seán. *Dar a conhecer Jesus Cristo e fazê-lo amar. A vida apostólica marista hoje*. p. 82

Como Instituição Marista, temos o privilégio de estarmos presentes entre os diferentes setores sociais. Falei em privilégio, porquanto creio que assim é. Ainda que deva ver-se com clareza, em todas as nossas obras e comunidades, a nossa preferência pelas crianças e jovens marginalizados, estamos realmente presentes, de fato, entre os diferentes estratos sociais. Então, por que não valer-nos dessa presença para facilitar o diálogo e o encontro, para romper barreiras no seio da nossa sociedade?

Sei que muitas das nossas IES já estão levando a cabo este preconizado diálogo social, seja na promoção de pessoas com menos recursos econômicos, seja favorecendo a aproximação pessoal de muitos jovens de famílias de classe média ou alta em bairros que eles desconheciam. Nesses encontros pessoais se geram as mudanças sociais que desejamos.

Edgar Morin usou recentemente a imagem da metamorfose, para descrever a sua própria posição e compromisso: “Importa começar de novo. De fato, tudo começou, mas sem que nos tenhamos dado conta. Estamos nos começos, modestos e invisíveis, marginais e dispersos. Ocorre que já existe, em todos os continentes, uma efervescência criativa, toda uma multidão de iniciativas locais no sentido da regeneração econômica, social, política, cognitiva, educativa ou de reforma da vida. Estas iniciativas não se conhecem umas às outras; nenhuma administração as enumera, nenhum partido se dá por inteirado. Ainda assim, tudo isso é o viveiro do futuro. Trata-se de conhecer essas iniciativas, incluí-las, compará-las, catalogá-las e conjugá-las, para que formem a nova via que poderia conduzi-las à metamorfose ainda invisível e inconcebível”³⁶.

Nesse processo de metamorfose, assevera Edgar Morin, “a orientação é resiliente, se desdobra e se recompõe; significa que o objetivo já não é, fundamentalmente, o desenvolvimento dos bens materiais, a eficácia, a rentabilidade e o calculável, senão o retorno de cada qual às suas necessidades interiores, o grande regresso à vida interior e à primazia da compreensão do próximo, do amor e da amizade”³⁷.

Não seria essa uma proposta maravilhosa, que poderíamos formular para nós próprios?

5. Atuar como membros da sociedade globalizada

Este é o quinto sonho que hoje queria compartilhar convosco.

“Temos sido um Instituto internacional por mais de um século, afirma o Irmão Seán Sammon, mas nem sempre temos atuado como tal”.³⁸ Desenvolvendo esta ideia, o Conselho Geral anterior, no seu informe ao Capítulo, dizia: “Foi do interesse do Conselho Geral potenciar o sentido de pertença a um Instituto internacional, bem como aproveitar as possibilidades que esta realidade nos oferece. A Comissão de Missão, em face do convencimento de que a internacionalidade é riqueza que deve ser aproveitada, potenciou o trabalho em rede em nível continental. Podemos citar como exemplos do trabalho em rede na área da Missão, superando os limites geográficos das Unidades Administrativas, a consolidação de Rede Internacional de Instituições Maristas que trabalham na educação Superior, bem como a produção de documento sobre a sua identidade e missão, e a

³⁶ EDGAR MORIN, Elogio de la metamorfosis, El País, 31-8-2010.

³⁷ EDGAR MORIN, Elogio de la metamorfosis, El País, 31-8-2010.

³⁸ SAMMON, Seán. *Carta de convocação da Conferência geral de 2005*, p. 12.

oferta em comum de pós-graduação em Missão e Espiritualidade Maristas, por meio da internet, para todo o mundo marista, com apoio das Universidades Maristas do Brasil; a criação de uma equipe internacional para acompanhar a Pastoral Juvenil Marista nas Américas; a constituição de uma equipe internacional para elaborar um documento orientador da Pastoral Juvenil Marista para todo o Instituto”³⁹.

Como se vê, as IES maristas foram citadas no informe do Conselho Geral anterior, o que me parece um sinal da sua crescente implicação na vida do Instituto, em nível internacional. Eis por que aproveito a ocasião para agradecer-lhes a abertura e o desejo de colaborar, bem como a vontade de contribuir à vida do Instituto.

Fruto do caminhar de todos estes últimos anos, em que a nossa internacionalidade foi vivida de maneira intensa, os membros do Capítulo Geral vinte e um reconheciam um apelo a sermos “irmãos universais”, abertos e disponíveis no acolher a diversidade do nosso Instituto. Interpelados para irmos além das nossas fronteiras, vamos deixar-nos evangelizar pelo outro”⁴⁰. Ademais, “como Irmãos e leigos maristas que vivemos no mundo globalizado de hoje, somos chamados a ter horizonte internacional nas nossas mentes e corações”⁴¹.

Eu próprio dizia aos Irmãos capitulares, antes que regressassem às suas casas: “Creio que temos vivido como nunca este fator de internacionalidade, de maneira aberta e profunda. Creio que é o gesto profético de que outra globalização é possível. Incorporamos esta tarefa de internacionalidade na nossa casa. A pergunta é se estou disposto a pagar o preço para que o nosso Instituto seja cada dia mais global, mais solidário internamente, com maior interação de todos”.⁴² As IES estão também dispostas a pagar esse preço?

Parece-me que, nesse campo, há pelo menos dois aspectos, nos quais as IES maristas deveriam continuar trabalhando: em primeiro lugar, a sua oferta de serviços ao Instituto (sobre o qual já falei anteriormente, ao fazer referência à pós-graduação em Missão e Espiritualidade Maristas, ou por meio de muitas sugestões, incluídas nos quatro pontos citados); em segundo lugar, a sua própria maneira de organizar-se, como Rede Internacional, para colaborar e trabalhar juntas.

É certo que essa Rede inclui instituições muito diferentes. Nem todas falam a mesma linguagem, nem têm os mesmos recursos. Creio que a Rede deveria deixar de ser simplesmente uma associação de encontro e de partilha fraterna, para criar, a partir do que já temos, uma estrutura que permita afirmar, apoiar e transformar efetivamente a missão educativa neste nível educativo, com base nossa fidelidade à herança de Champagnat,

Creio que não devemos deixar passar esta hora e a possibilidade que temos de criar uma Rede mais coerente e efetiva. Não vos convido a criar uma superestrutura pesada, que controla e que paralisa, que exige grandes recursos; porém entre isso e que tudo dependa da boa vontade de algumas pessoas, provavelmente há de haver algum caminho intermédio que, estou certo, sabereis encontrar.

³⁹ Informe do Irmão Superior Geral e do seu Conselho ao Capítulo Geral 21 (2009), p.62

⁴⁰ INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Com Maria, saí depressa para uma nova terra*. Documento do Capítulo Geral 21, p. 19.

⁴¹ Idem p. 40.

⁴² Irmão Emili Turú, Superior Geral. Palavras no encerramento do Capítulo Geral 21, Roma, 10-10-2009.

Conclusão

No horizonte cronológico, insinua-se já a meta do nosso segundo centenário de vida como Instituto. Pode ser referência para as nossas iniciativas e um momento importante de avaliação do nosso caminho, mas também, como presumo, para as IES maristas.

Sabemos bem que nenhuma das nossas instituições é imune à tentação do elitismo, do crescimento insustentável, de aparentar o que não somos, de contentar-nos com uma excelência de tipo empresarial. Eis por que somos chamados a uma constante revisão do nosso ser e agir, à luz da missão a que fomos convocados. Isto implica, parece-me, que devemos estar mais intencionalmente conscientes dessa missão, pelo menos com a mesma intensidade com que atendemos à qualidade acadêmica e aos recursos financeiros para a obra. A excelência evangélica é a que nos deve distinguir; para continuar trabalhando nela sempre com fruto, atrevi-me a compartilhar convosco alguns dos meus sonhos.

Comecei com Shakespeare: “Somos do mesmo material com que se tecem os nossos sonhos”. Quisera terminar com as palavras de Albert Schweitzer, que pode ser bom modelo para os que trabalham no mundo da educação terciária, tanto pela qualidade da sua investigação e da sua prática, como pela coerência da sua vida.

“Quando era jovem, eu ouvia conversas de adultos que me enchiam de tristeza. Reconheciam aquele idealismo e entusiasmo da juventude como bem precioso que não tiveram outro remédio senão deixá-los para trás. Temi que eu também, algum dia, olharia o meu passado com essa mesma carga de saudade. Tomei o firme propósito de não me submeter à trágica necessidade de converter-me em “homem razoável”. Desde então, intentei orientar a minha vida, guiado por esse voto, que surgiu em arroubo de juventude.

Os adultos se esforçam em fazer ver aos jovens que aquilo que amam e desejam não passa de ilusão. Eu, porém, entendi que há outro modo de sair em auxílio dos jovens na sua inexperiência. É questão de animá-los a fortalecer e desenvolver aquelas ideias que latejam no seu coração. A pessoa madura de verdade, a pessoa “feita”, certifica que o idealismo juvenil é precioso tesouro que não se deve abandonar por nada do mundo. Todos passamos por instantes em que a vida parece que vai arrancar-nos o entusiasmo e a fé no bem e na verdade. Nada, porém, nos obriga a sacrificá-los. Se o ideal fica derrotado pela investida da realidade, não quer dizer que aquele ideal foi falso, senão que estava falto de força; não quer dizer senão que ele não era ainda assaz explícito, puro, não bastante enraizado no nosso coração.

A força do ideal pode chegar a ser incalculável. Os ideais são pensamentos; enquanto os mantemos apenas em nível mental, a sua força interna não é operativa, embora lhe ponhamos alguma emoção. Esses ideais somente logram ser operacionais, quando se encarnam e se enraízam no ser humano que trabalhou para purificar os seus sentimentos.

A lição vital que os adultos devem transmitir aos jovens não é que a realidade vai barrar de pronto o seu idealismo; pelo contrário, deve ser esta: o ideal se fortalece tão profundamente no interior da pessoa, que nada desta vida vai poder arrebatá-lo ⁴³.

⁴³ ALBERT SCHWEITZER: « Souvenirs de mon enfance », Librairie Istra, Paris, 1951.

Eis qual é o meu desejo também para cada um dos presentes.
Muito obrigado a todos e que a bênção do Senhor desça sobre todos.

Porto Alegre, 7 de outubro de 2010
Irmão Emili Turú, Superior Geral